



Covid-19 e Realidade Brasileira: um exame crítico¹

Breno Augusto da Costa²

Resumo

O objetivo deste artigo é apresentar um exame crítico da pandemia de covid-19 conforme sua manifestação na realidade brasileira. Tomamos como referencial metodológico as categorias críticas elaboradas pelo filósofo brasileiro Álvaro Vieira Pinto. Foi feita uma análise da apreensão ingênua e crítica da pandemia na realidade brasileira. A visão romântica da pandemia e o fatalismo divino foram descritos como traço do pensamento ingênuo. Quanto a apreensão crítica da pandemia, enfatiza-se que ela deve ser examinada e enfrentada considerando alguns marcadores manifestados em suas particularidades nacionais e considerando o contexto geopolítico internacional. O caso brasileiro, assim como todo o Sul global, sofre as determinações da luta pela libertação nacional e superação da necropolítica.

Palavras chave: Covid-19, Álvaro Vieira Pinto, Necropolítica, Libertação nacional.

Covid-19 y Realidad Brasileña: un examen crítico

Resumen

El objetivo de este artículo es presentar un examen crítico de la pandemia de covid-19 conforme su manifestación en la realidad brasileña. Tomamos como referencial metodológico las categorías críticas elaboradas por lo filósofo brasileño Álvaro Vieira Pinto. Fue hecho un análisis de la aprehensión ingenua y crítica de la pandemia en la realidad brasileña. La visión romántica de la pandemia y el fatalismo divino fueran descritos como rasgos del pensamiento ingenuo. Cuanto a la aprehensión crítica de la pandemia, fue hecho un hincapié que ella debe ser examinada y enfrentada considerando algunos marcadores manifestados en sus particularidades nacionales y considerando el contexto geopolítico internacional. El caso brasileño, así como todo el Sur global, sufre las determinaciones de la lucha por la liberación nacional y superación de la necropolítica.

Palabras clave: Covid-19, Álvaro Vieira Pinto, Necropolítica, Liberación nacional.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

² Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Bolsista da CAPES. Se dedica à reflexão sobre a sociedade brasileira, história da filosofia brasileira e da filosofia latino-americana, notadamente os autores Álvaro Vieira Pinto e Enrique Dussel. Atualmente é um dos coordenadores da Associação de Filosofia e Libertação (AFyL Brasil). Email: brenobac@gmail.com

Covid-19 and Brazilian Reality: a critical study

Summary

The aim of this paper is to present a critical exam of the covid-19 pandemics as it manifests in the Brazilian reality. We take the critical categories elaborated by the Brazilian philosopher Álvaro Vieira Pinto as our methodological reference. We have done an analysis of the naïve and critical apprehension of the pandemics in the Brazilian reality. The paper describes the romantic vision of pandemics and divine fatalism as traits of naïve consciousness. Concerning the critical apprehension of pandemics, the paper highlights that it should be examined and faced considering the particular manifestations of some markers on its national particularities and considering the international geopolitical context. The Brazilian case, just as the global South, suffers the determinations of the struggle for national liberation and overcoming of necropolitics.

Key words: Covid-19, Álvaro Vieira Pinto, Necropolitics, National liberation.

Introdução

Aos caiporas e curupiras que não têm mais mata para vigiar.

O objetivo deste artigo é apresentar um exame crítico da pandemia de covid-19 conforme sua manifestação na realidade brasileira. A covid-19 é uma doença respiratória aguda, em alguns casos grave, causada pelo vírus sars-CoV-2. Lima (2020) cita um estudo chinês que relata que dentre os 55.924 casos confirmados, os sinais e sintomas mais comumente apresentados foram: febre (87,9%), tosse seca (67,7%), fadiga (38,1%), produção de escarro (33,4%), dispneia (18,6%), dor de garganta (13,9%), cefaleia (13,6%), mialgia ou artralgia (14,8%), calafrios (11,4%), náuseas ou vômitos (5%), congestão nasal (4,8%) e diarreia (3,7%). O autor destaca que na maioria dos casos, a doença foi leve e houve recuperação completa, todavia em alguns casos houve uma piora do quadro, culminando em casos com e sem pneumonia. Destes 13,8% apresentaram doença grave e 6,1% foram críticos, com falência respiratória, choque séptico e/ou disfunção/falha de múltiplos órgãos. O autor aponta que “reconhecimento imediato da doença é fundamental para garantir o tratamento oportuno, e do ponto de vista da saúde pública, o rápido isolamento do paciente é crucial para a contenção dessa doença transmissível” (LIMA, 2020, p. VI). Ademais, há que se considerar os efeitos físicos e neurológicos pós-covid, tanto em casos graves, que envolvem intubação, quanto em casos mais moderados, o que despertou a atenção de clínicos (NATOLI et al., 2020).

No dia 25 de julho de 2020, quando começamos a escrita deste texto, foram contabilizadas 86.449 mortes e 2.394.513 casos confirmados dessa doença no Brasil (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020a). Nos causou espanto o fato de que, apesar da evidente gravidade da situação, declarada oficialmente uma pandemia em 11 de março de 2020 (OMS, 2020), houve uma série de manifestações de descaso, desrespeito ao isolamento e minimização deste agravo à saúde coletiva.

Propomos, assim, realizar uma *análise crítica* da pandemia na realidade brasileira, a qual será feita a partir do fundamento metodológico e conceitual oferecido pelo filósofo brasileiro Álvaro Vieira Pinto (1909-1987), quem elaborou conceitualmente a distinção entre consciência crítica e consciência ingênua (CÔRTEZ, 2003; VIEIRA PINTO, 1960). Por outro lado, em nossas reflexões primaremos por uma atitude descolonial, o que se concretizará através de um diálogo com autores e autoras relacionados ao campo (BALLESTRIN, 2013; MARTINS, 2019). Tal atitude será valiosa, pois nos oferecerá um substrato conceitual libertador, o que conflui com a liberdade enquanto categoria crítica proposta por Vieira Pinto.

A distinção entre consciência ingênua e crítica, no âmbito das meditações originais de Álvaro Vieira Pinto (1956; 1960), dizia respeito à tomada de opção pelas ações eficientes ou não em relação ao desenvolvimento nacional. Por sua vez, aplicada à questão da pandemia na realidade brasileira, esta distinção faculta a opção pelo comportamento saudável e pró-vida ou então a execução de atos-para-a-morte, componentes centrais da necropolítica de cunho imperialista³. É na defesa desta tese e da vida do povo brasileiro que reside a justificativa deste texto.

Feitos estes esclarecimentos, passemos à primeira seção do artigo, cujo objetivo é apresentar nossos fundamentos ao leitor e à leitora. Para tanto, realizaremos uma breve recapitulação da abordagem crítica de Álvaro Vieira Pinto, articulando-a, a seguir, brevemente com o pensamento descolonial.

Um estudo do método: a questão da consciência social em Álvaro Vieira Pinto

Foge ao nosso escopo realizar uma ampla retomada do pensamento de Álvaro Vieira Pinto ou abordar a questão da unidade e fragmentariedade de sua obra ou

³ Necropolítica é uma noção cunhada e difundida por Achille Mbembe. Percebendo toda a riqueza do conceito, desenvolvemos em outro trabalho uma reconceitualização (B. COSTA, 2020).

recepção. Nesse momento nos devotaremos unicamente à recapitulação de sua concepção de consciência ingênua e crítica, pois compõe no cerne de nosso método.

Segundo Vieira Pinto podemos esquematizar em uma dualidade última e irreduzível o número de pontos-de-vista sobre a realidade. A princípio de número infinito, mas na prática considerável reunindo-se em grupos com características comuns, é possível definir os dois gêneros de apreensão da realidade nacional da seguinte forma: “*a consciência ingênua é, por essência, aquela que não tem consciência dos fatores e condições que a determinam. A consciência crítica é, por essência, aquela que tem clara consciência dos fatores e condições que a determinam*” (VIEIRA PINTO, 1960, vol. II, p. 83, grifos no original). Nesse *continuum* existente entre uma e outra estão presentes posições que se alternam em diferentes graus de proximidade ora do polo crítico, ora do polo ingênuo.

Enquanto a *consciência crítica* é indagadora das influências a que está submetida, procedendo à crise no sentido etimológico do termo, isto é, à separação dos fatores atuantes em determinado contexto, para apreciar a significação de cada um, a força de sua motivação e o resultado deles, a *consciência ingênua* emura-se em si mesma; é espontânea em seus enunciados e juízos, pois se crê dona da verdade; é segura em suas sentenças e resoluta quanto à perenidade de suas afirmações (VIEIRA PINTO, 1960, vol. I).

Vieira Pinto salienta outras modalidades de consciência e suas respectivas oposições: aquela existente entre a *consciência culta* e *consciência inculta*⁴ diz respeito à clareza conceitual e à riqueza discursiva com a qual uma pessoa apreende a realidade e é capaz de expressá-la. O estudo formal e o acúmulo de erudição são responsáveis pelo esclarecimento da consciência, todavia se este não acompanha o dar-se conta dos fatores que a determinam, temos um pensar que se caracteriza pela ingenuidade. É possível portanto, e bem provável de se encontrar nos países subdesenvolvidos, salienta-se, pessoas com um currículo admirável, mas uma consciência deploravelmente ingênua. Por outro lado, é comum encontrar nesses países pessoas iletradas, mas dotadas da consciência crítica.

Esse fenômeno, do descompasso entre a criticidade da consciência e seu esclarecimento, explica-se através da própria gênese das formas de consciência. Não se trata de uma dádiva ou de um privilégio, nem de uma sina ou infelicidade, muito menos

⁴ É preciso cautela para não tomarmos a cultura popular como falta de cultura. A dualidade cultural foi duramente rechaçada por Vieira Pinto (1960; 1969; 1982)

algo fortuito; a consciência de uma pessoa decorre da atividade exercida por ela cotidianamente. O contexto existencial de uma pessoa pode configurar-se social e economicamente de tal forma que abre-se à ela de modo estanque. Ela deve trabalhar na rude faina da busca pela subsistência: tal é a realidade dos países semicoloniais, dominados pelo imperialismo, e que promove em seu povo uma consciência ingênua, sensitiva apenas, que sofre e sabe disso. Por sua vez, em uma nação em pleno desenvolvimento, industrialização, em que o trabalho é incrementado técnicas inovadoras e o trabalhador se conscientiza de suas condições de existência e possibilidades de ação e transformação da realidade, temos uma consciência que se esboça indagadora e a partir daí pode alçar-se à crítica. Ele sofre e procura saber as razões desse sofrimento, sendo capaz de engajar-se em um projeto de libertação nacional (VIEIRA PINTO, 1956; 1960).

Em uma meditação feita em período mais amadurecido de sua vida, Vieira Pinto assinala que o próprio processo de saque imperialista acaba por engendrar nos rapinados a consciência crítica. O nativo, ao ser ensinado a executar as técnicas com as quais extrai a riqueza para o outro, paulatinamente percebe-se de outra forma ante a essa realidade, o que pode suscitar o desenvolvimento do pensar crítico e logo mais libertador (VIEIRA PINTO, 2008). Todavia é preciso salientar que apenas com um projeto de trabalho para si a nação é capaz de alçar-se ao desenvolvimento e humanização das condições de existência de suas massas.

Outras modalidades de consciência que podemos elencar decorrem da distinção quanto à posse do teor de verdade na representação da realidade, o que se verifica na oposição entre *consciência autêntica* e *consciência inautêntica*. Diferentemente da consciência culta e consciência inculta, que podem ser atributo tanto da consciência ingênua quanto da crítica, a consciência autêntica é privilégio apenas desta forma de consciência, enquanto a consciência ingênua sempre será inautêntica, conforme mostra o filósofo (VIEIRA PINTO, 1960, vol. I).

Na obra “Consciência e realidade nacional”, aponta Norma Côrtes (2003), Vieira Pinto empreende uma análise das formas da consciência social da realidade nacional. Ela permite ao leitor encontrar os recursos para uma passagem da ingenuidade para a consciência crítica. No primeiro volume o autor desenvolve uma propedêutica filosófica e apresenta uma analítica existencial de trinta e três traços do pensar ingênuo, enquanto no segundo sistematiza a consciência crítica e suas seis categorias principais: objetividade, historicidade, racionalidade, totalidade, atividade, liberdade, bem como aquela que sintetiza categorialmente as demais: a nacionalidade.

Feitas essas considerações de caráter metodológico, apontaremos como o pensamento de Vieira Pinto e o pensamento descolonial confluem. Em outro trabalho apresentaremos pormenorizadamente a tese de que é possível conceber o pensamento decolonial através de duas vias: a primeira toma como ponto de partida o fato objetivo do surgimento desse termo na história das ideias. Isto é, partindo do fato assinalável historicamente de que um dia foi empregado pela primeira vez o termo “pensamento decolonial”, ele pode ser definido a partir das reflexões que a respeito dele são feitas. A segunda via consiste em partir de um plano de maior generalidade: a reflexão geral sobre a realidade. Ela nos permite caracterizar o pensamento descolonial como resultado intelectual reflexivo da atividade humana de engajamento libertador das amarras da colonialidade. Ambos os procedimentos são legítimos e se complementam naquela que pode ser chamada Teoria Geral do Pensamento Decolonial. Esta segunda via, porém, tem grande relevância, pois relaciona-se ao resgate de autores e autoras cujo legado, vida e obra foram subalternizados ou silenciados pelos fiscais da colonialidade. Por fim, tal tese será responsável por uma tarefa de magna importância: a descolonização *of the decolonial*.

À luz dessa tese, junto a autores como Enrique Dussel, Aníbal Quijano, Maria Lugones, Nelson Maldonado-Torres, Ramon Grosfoguel e Walter D. Mignolo incluímos Álvaro Vieira Pinto, Alberto Guerreiro Ramos, Roland Corbisier, Nelson Werneck Sodre, Manoel do Bomfim, Neusa Santos Souza, Lélia Gonzalez e tantos outros e outras que enfrentaram a colonialidade e seus efeitos, ainda que não lançassem mão deste conceito. A tese que aludimos acima encontra razão nas reflexões de Dussel (2012), Maldonado-Torres (2018) e Paulo Martins (2019) especialmente. Este último defende a necessidade de sistematizar uma teoria crítica da colonialidade, indicando a relevância de uma conexão entre as várias teorias anticoloniais que surgiram, de forma difusa, no Sul Global. Por meio dela é possível fazer justiça histórica aos libertadores que enfrentaram a matriz colonial de poder desde o início de sua instauração.

A respeito da confluência entre Álvaro Vieira Pinto e o pensamento descolonial temos produzidos diversos trabalhos abordando tema com maior aprofundamento. Aqui nos contentaremos em assinalar que as preocupações de Vieira Pinto em superar o eurocentrismo e suas manifestações científicas e filosóficas, sua postura de recusa à assimilação acrítica dos conceitos metropolitanos e suas reflexões sobre raça como recurso de opressão imperial, são algumas formas através do qual o autor deve ser

abordado no bojo do movimento descolonial que se pretenda crítico (COSTA & MARTINS, 2018).

A seguir, meditaremos acerca da consciência ingênua e sua atividade ante à pandemia de covid-19. É importante conhecê-la, saber as ideias que cultiva e o porquê disso, bem como apresentar os reflexos disso em seu comportamento, pois como aludimos, isso se concretizará em atos pró-vida ou pró-morte.

Consciência ingênua e covid-19

Nossa abordagem fundamenta-se naquela mesma desenvolvida por Vieira Pinto no primeiro volume de “Consciência e realidade nacional”, onde ele realiza uma analítica existencial da consciência ingênua. Veremos que a descrição da visão romântica da história feita por ele expressa com justeza uma ingenuidade que se manifesta ainda hoje. Todavia é preciso considerar as particularidades destas manifestações, seu conteúdo específico. Além disso, há que se considerar a possibilidade de conceber mais um traço, o que faremos a seguir, com o intuito de melhor apreender a atividade ingênua em tempos de pandemia.

A “*visão romântica da história*”, de acordo com Vieira Pinto (1960, vol. I, pp. 335-347):

consiste em supor que a história de uma comunidade nacional, ou a do mundo, é um movimento conjunto presidido ou governado por uma força superior, uma vontade divina ou um destino fatal, de tal sorte que os acontecimentos, além de ser aquilo que são na sua objetividade e nos mecanismos imediatos que os explicam, admitem também uma componente transcendente (VIEIRA PINTO, 1960, vol. I, p. 335).

Poderíamos, portanto, falar de uma visão romântica da pandemia, que atribui-lhe propriedades estranhas ao seu manifestar, significa-a e comunica valores de forma mágica e convenientemente ajustada a determinados interesses práticos, religiosos, políticos ou doutrinários. Apresentando-se de forma variada, este traço romântico mantém em comum a crença em um segundo âmbito de compreensão dos acontecimentos: além do acontecer visível, empírico e patente das mortes e dos resultados econômicos da pandemia, existe um substrato invisível, oculto ao vulgo e que cabe ao portador desta ingenuidade revelar. A covid-19, assim pensam, traz determinada mensagem. Por isso para uns a pandemia é uma punição divina direta ao escárnio feito no

carnaval pelos foliões que encenaram um Jesus-mulher; para outros trata-se da ira natural contra os desmandos dos ímpios comunistas chineses; outros ainda entendem que o coronavírus veio para escancarar a insustentabilidade do capitalismo. Em casos mais graves a consciência ingênua pode chegar ao cúmulo de associar a pandemia à perseguição sofrida pelo seu agente político de estimação. Este processo de pensamento ocorre, porque essa forma de consciência:

tende a minimizar toda ocorrência objetiva, a vivê-la numa perspectiva intelectual ilusória. Em consequência desta postura mágica, as reações emocionais que o fato deveria normalmente suscitar, dada a sua natureza, são substituídas pelas que derivam da exegese ideal. O indivíduo não reage mais ao concreto vivido, mas estabiliza-se emocionalmente em atividade uniforme. Como está de posse do segredo último da história, pouco lhe importa o que efetivamente se passa (VIEIRA PINTO, 1960, vol. I, p. 337).

Desta forma a pandemia não é questão grave; é uma gripezinha apenas, que a mídia explorou para desestabilizar a presidência da república e acabar com a economia do país. Não estamos diante de uma ocorrência suscitada por razões objetivas e que pode ser contida através de ações também objetivas, mas um evento que “veio para” cumprir alguma função. Em suma, esta ingenuidade entende que um ente superior, a natureza, Deus, criou o coronavírus e a pandemia como tendo uma finalidade bem determinada; para que os cegos enxerguem determinadas coisas. O pensar ingênuo outorga a si mesmo a posição de porta-voz do sentido oculto da covid-19.

Outro traço da ingenuidade em nossa realidade atual pode ser denominado *fatalismo divino*. Enquanto a visão romântica da pandemia pode ser compreendida pela deficiência da consciência em apreender a objetividade e a historicidade do mundo, o fatalismo cifra-se na incapacidade de conjugar o agir com a elegibilidade das ações do humano no mundo. O fatalista nega a possibilidade humana de realizar escolhas, a sua condição de ser que intervém no curso da história. Para ele as mortes são fatos alheios a qualquer forma de comportamento ou deliberação, pois “todo mundo vai morrer um dia”, “a hora de morrer vai chegar, e não podemos controlar isso”, “alguns morrerão, mas sempre morre gente”. A difusão mundial da covid-19 não representa um fato extraordinário para essa mentalidade e “é preciso acabar com o isolamento logo, porque só se morre na hora certa”.

Decidimos qualificar o “fatalismo” como “divino” para expressar a forma como mais comumente se manifesta em nosso contexto. Enquanto sua variante laica tende a assumir outro discurso, o de que “só os grupos de risco estão em perigo”, “é preciso

seguir a vida, porque doenças sempre existiram e sempre vão existir” e até mesmo, em casos mais graves, o de negação da existência da pandemia, a variante religiosa deste traço, mais difundida, entrega a elegibilidade do seu modo de proceder a Deus. Concebe que, porque existe um plano divino para tudo, é dispensável a sua escolha de isolar-se, realizar a higiene adequada, usar máscara e outras medidas de cuidado de si e de responsabilidade perante ao outro. Concebe que ela é protegida e sequer pensa na possibilidade de contagiar-se, pois “se pensarmos em coisas ruins, atraímo-las”.

Ao explicarmos o fatalismo divino como uma negação da elegibilidade, não queremos de forma alguma associá-lo ao desprezo pela liberdade (VIEIRA PINTO, vol. I, p. 288-294). De fato, esta descrição feita pelo filósofo se relaciona mais à “liberdade política” e à denúncia do liberalismo de fachada (conservadores nos costumes, mas liberais na economia), do que de fato ao comportamento humano em face às escolhas quanto ao modo de proceder em geral. Por isso consideramos ser lícito descrevê-lo, o fatalismo divino, como um traço de ingenuidade em separado.

Outro aspecto que devemos discutir em relação à pandemia na realidade brasileira, e que figura evidentemente no âmbito da consciência ingênua, encontra-se no fenômeno comumente denominado “*fake news*”. Tratam-se de notícias falsas, que entenderemos conceitualmente no horizonte da teoria da informação de Álvaro Vieira Pinto (2005, vol. II), cuja exposição aprofundada foge ao nosso escopo. Nos contentaremos em discutir a forma pela qual podemos compreender essas notícias a partir de seu pensamento. Sua concepção de intersubjetividade desempenhará papel importante, nestas reflexões, pois será a articulação entre a informação, enquanto um existencial humano, e as notícias falsas, enquanto componente mediador entre os brasileiros e os dominadores.

As notícias falsas poderiam desempenhar bem o papel de ponto de partida para a meditação que temos empreendido nesta seção do artigo, pois compõem o fundamento através do qual vai se formando o arcabouço discursivo cândido acerca da covid-19. Todavia em nossa arquitetônica reflexiva ela está inserida posteriormente ao exame da consciência ingênua, porque assim reforçamos a anterioridade desse modo inautêntico de pensar – e de viver – em relação às notícias falsas que alvoreceram em nosso contexto. Em verdade esse fenômeno informacional já se manifestou anteriormente em nossa história recente e remota: o grosso do processo eleitoral de 2018; as campanhas que fundamentaram o Golpe de 2016; de forma insinuada, mas não menos eficiente, no processo eleitoral de 2014; e até mesmo nas jornadas servil-imperialistas de 2013, todas

essas ocorrências foram marcadas por elas. As notícias falsas foram ferramentas ideológicas empregadas em diversas ocasiões em nossa história: até mesmo no período do antecedente ao Golpe imperial-militar de 1964 elas abundavam, sendo o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) de Álvaro Vieira Pinto uma vítima delas (SODRÉ, 1978), ainda que, enquanto conceito, o termo “notícia falsa” surgisse só posteriormente no bojo da investigação acadêmica. Um estudo amplo da presença das notícias falsas na constituição destes eventos não caberia aqui, porém, devido à importância desse campo de estudos nos preocupamos em assinalá-la⁵. É preciso assinalar também, a título de cautela metodológica, que seu exame não pode se tornar hemerocêntrico, isto é, torná-las entes surpreendentemente extraordinários, apenas surgidos recentemente, pois a enganação ideológica tem sido grande companheira da opressão em nossas terras, tal como aludido.

Segundo a teoria da informação de Álvaro Vieira Pinto, a informação perpassa os planos inorgânico, orgânico e social do ser, pois “indica uma relação universal entre todas as formas de movimento da matéria” (2005, vol. II, p. 198). Afirma o filósofo que, ainda que metodologicamente seja de interesse focar no exame da informação conforme sua manifestação superior, isto é, no plano autoconsciente da existência humana, quando ela é constituída em estado de ideia, é preciso remetê-la à sua fundamentação na história biológica do sujeito. Isso abre-nos a compreensão de que se, inicialmente, o ser humano recém hominizado devia enfrentar e vencer as várias contradições naturais com as quais se deparava, sob pena de perecimento, nos processos mais avançados de civilização poderíamos distingui-las das contradições de cunho preponderantemente social. Tenhamos em mente que aqui não reificamos a errônea dicotomia entre o social e o natural, apenas indicamos que deslocou-se a vetorização da principal matriz das contradições que o ser humano deve enfrentar: hoje cada vez mais o mundo – entendido em seu sentido existencial concreto – se vê mediado pelo contorno cultural no qual está inserido.

A informação, que é um existencial humano, uma nota distintiva deste ser perante as outras formas vivas de existência, cumpria uma função vital de interesse prático e imediato. Hoje, com o suceder do processo civilizatório, formas mediatizadas pelas complexas relações sociais entabuladas dentro dos sistemas políticos existentes vêm alçar a informação ao estatuto de bem cultural do humano. Existe uma série de

⁵ Poderíamos remeter o leitor interessado aos textos de Diogo Costa (2013), Débora Massenberg (2019) para maiores aprofundamentos.

informações sem qualquer interesse prático para a manutenção da vida humana, até mesmo informações lúdicas, ou as inesgotáveis notícias sensacionalistas da vida de figuras artísticas proeminentes, cuja relevância só pode ser encontrada em uma sociedade com desenvolvimento suficiente para devotar-se a tais espetáculos. O filósofo argentino Enrique Dussel expressa a diferenciação entre os traços de vivente, ou seja, do ser orgânico, e do humano, ou seja, do ser social, apontando que o ser humano é um ser que tem o:

comer ou beber como necessidade e como expressão da *arte culinária*, correr como deslocar-se e como *esporte*, vestir-se para conservar o calor e como *moda*, morar para proteger-se das intempéries e como *arquitetura*, pensar, falar, pintar, simbolizar etc. tudo isto como vivente e humanamente (2012, p. 139, grifos nossos).

Primordialmente, portanto, a informação cumpre uma função vital prática e de interesse imediato, porém torna-se, com o decorrer do tempo, um bem cultural e como tal ainda continua cumprindo funções, todavia que atendem aos interesses de determinado grupo social. Segundo Vieira Pinto, “a transformação da informação em bem cultural não só modifica o ser que a produz, recebe e interpreta, mas altera o próprio caráter dela” (2005, vol. II, p. 191): há uma maior quantidade de conteúdos a se comunicar, por isso os suportes sociais e tecnológicos pelos quais se transmite a informação se modificam. Nada obstante, outro fator de relevância é a função desempenhada pela informação ao adquirir, nessa mesma transformação, o caráter de finalidade, ou seja, quando é dotada “da função de dirigir o processo racional de estruturação e concatenação de outras ideias, cada uma das quais capaz de desencadear uma ação exterior” (Vieira Pinto, 2005, vol. II, p. 191).

A informação, no plano social do ser, é determinada por quatro efeitos elencados por Vieira Pinto (2005, vol. II, p. 192 e segs.), dos quais tomaremos os dois primeiros para a discussão das notícias falsas na realidade nacional. O primeiro deles é fazê-la “retornar ao mundo, sob forma de ação conveniente para enfrentar a situação de onde partiu a percepção informativa recebida e empregá-la para modificar esse estado objetivo, permitindo ao homem realizar as finalidades que concebe” (2005, vol. II, p. 192). A esse respeito vale recorrer a “Ideologia e desenvolvimento nacional” (1956), quando Vieira Pinto afirma que a ideia tem duplo aspecto: um psicológico e outro sociológico. O fato de uma pessoa possuir determinada ideia denota a face psicológica, mas ao mesmo tempo ela age em função dessa ideia, sendo então, possuída por essa ideia, o que indica sua face sociológica. Portanto as notícias falsas, aquelas peças publicitárias e informes

propagados por diferentes meios de comunicação e mídias sociais, criados e disseminados com o intuito deliberado de induzir o seu público à enganação, não são mero erro ou, menos ainda, de liberdade de expressão: a divulgação de notícias falsas “faz parte de um dispositivo político de gerar hegemonia e facultar a manutenção do poder” (B. COSTA, 2020, p. 58). Elas fazem parte da necropolítica bolsonarista e atuam fundamentalmente para, de um lado, escudar a presidência e defender seus interesses e, por outro, facultar os atos-para-a-morte, concretizados na confusão do povo acerca da real gravidade da pandemia ou então de outras atividades iatrogênicas, como consumo irresponsável e inepto de substâncias como cloroquina ou ivermectina, ou então o desrespeito ao isolamento social e uso de máscaras. Nesse mesmo texto citado aprofundamos a discussão de como elas são utilizadas como ferramenta necropolítica e, exatamente por isso, para a dominação do Sul global.

Justifica-se assim a afirmação de que as notícias falsas desempenham a função de componente mediador entre brasileiros e os interesses de seus dominadores: pois um povo “vivo” demanda de seus representantes políticos; quando o povo aumenta seu nível socioeconômico e seu grau de bem-estar, exige mais; um povo em idade propícia ao trabalho reivindica empregos e em condições dignas; em suma, um povo vivo demanda as condições para a produção e reprodução de sua existência. Existe um critério ético material (DUSSEL, 2012) que precisamos levar em consideração para falar das condições de existência de determinada sociedade. A necropolítica acaba por atingi-lo e através das notícias falsas os agentes da morte encontram um recurso por excelência para suas finalidades. Por meio dessas notícias, é feita a minimização da gravidade ou uma opacização da difusão da covid-19. O que de fato ocorre, narra essa série de cantilenas malditas, é que para inflar os números, e as secretarias municipais e estaduais ganharem mais verbas com as mortes, casos de infarto, acidente de carro e câncer, além de outros, são contabilizados como sendo provocados pelo coronavírus: possuído por essas ideias, os agentes da morte comportam-se irresponsavelmente, suscitando uma série de mortes desnecessárias.

O segundo efeito almejado na consciência humana com o emprego das notícias falsas decorre do fato de que o humano:

utiliza a informação enquanto ideia para comunicar-se com seus semelhantes, estabelecendo, assim, o circuito da comunicação social, graças ao qual a informação colhida por um indivíduo, incorporada a uma forma material de transmissão, um suporte físico, se divulga, tornando-se um bem coletivo, em virtude de se instalar no plano da

cultura e de se prestar à distribuição mediante mecanismos transmissores ou pelo contato social (VIEIRA PINTO, 2005, vol. II, p. 192).

Um ponto que não devemos descuidar quanto à discussão da notícia falsa patenteia-se na intersubjetividade através da qual esta é difundida e encontra legitimação social. Em “Ideologia e desenvolvimento nacional” (1956) Vieira Pinto descreve o processo pelo qual a consciência, primeiro sensitiva, sabendo que sofre, começa a tornar-se representativa, sabendo o porquê de sofrer. Tal descrição tem importante papel para o entendimento das notícias falsas, pois permite revelar que elas, por vezes, oferecem exatamente a explicação, as razões, os porquês da realidade ser assim, ainda que sendo uma resposta falsa. A corrupção, nesse sentido, não é o resultado de uma complexa rede de relações através dos quais determinados grupos se articulam para manterem-se em situação hegemônica: é manifestação da vileza, da imoralidade natural, intrínseca a alguns indivíduos ou partidos. O uso de drogas não tem determinantes sociais, culturais e psicológicos: é um aspecto moral das gerações atuais; hoje ninguém gosta de trabalhar e só quer vida fácil; as pessoas são fracas e não resistem aos prazeres mundanos. A pandemia não é uma manifestação qualitativamente distinta de uma doença graças à gravidade suscitada pela sua franca difusão, impacto nos sistemas de saúde de todo o mundo e, por conseguinte, pela quantidade de mortes que provoca, é apenas uma *gripezinha* superestimada e usada pela mídia para atormentar a presidência. Por meio de uma axiologia que entendemos ser comunitária, conforme descrita em “Consciência e realidade nacional”, Vieira Pinto (1960, vol. II) explica como ocorre esse processo através do qual um valor é tornado comum ao grupo. Hoje, por meio das mídias sociais, isto é, através de várias formas materiais de transmissão, é divulgado um amplo espectro de ideias, informações, piadas, memes, exortações de cunho falsamente patriótico, indicações bíblicas, tudo isso compondo um coquetel de notícias falsas para todos os gostos. Ainda que deva ser considerado o fenômeno de desperdício de informações (VIEIRA PINTO, 2005, vol. II, p. 456 e segs.), aquelas ideias com as quais a consciência ingênua mais se afina são acolhidas e recebem adesão, sendo tomadas como explicações para os aspectos da realidade que ela própria encontra no seu cotidiano. Uma vez que aparecem-lhe como a denúncia de ouro ou como a solução para resolver os problemas nacionais, tais informações são propagadas com entusiasmo e sensação de dever cumprido. Se não podem mudar as coisas como são, pensam, pelo menos podem ajudar para que cheguem as informações às pessoas certas.

As notícias falsas, por assim dizer, cimentam a consciência ingênua e dão-lhe o repertório discursivo. Todavia antes de mal informadas elas são ingênuas, e é por sua ingenuidade que as notícias falsas encontram guarida em sua apreensão do mundo, não podemos perder tal fato de vista. Passemos agora à exposição da apreensão da consciência crítica da realidade brasileira. Mas para isso é preciso uma *passagem* efetiva.

Consciência crítica da covid-19 na realidade brasileira

A passagem da consciência ingênua à consciência crítica quanto à pandemia pode ser precipitada pela morte. A indesejada vem escancarar a *objetividade* da doença e dos seus resultados ao ceifar a vida de um ente familiar ou então alguma relação próxima. Aqui seria válido lançar mão da diferenciação feita por Enrique Dussel (2011) entre a *proxemia*, o afastar-se ou acercar-se das coisas ante ao humano, e a *proximidade*, que se trata de uma aproximação em relação a outro alguém. À ocorrência da pandemia sucedeu-se um período de isolamento social – ainda que frouxamente cumprido por alguns –, pois ele era apontado como uma das principais medidas de enfrentamento inicial. Ele afastava espacialmente as pessoas, pois em termos existenciais o acesso às tecnologias de comunicação pela maior parte da população garantiu o seguimento próximo dos vínculos e interações afetivas. Em meio a isso, a perda de alguém próximo, em muitos casos, paradoxalmente, passou-se à distância, com a privação da possibilidade de ritos comuns à nossa sociedade, como o “último adeus” do enterro, e outras cerimônias fúnebres.

A morte de alguém próximo começa a ganhar sentido dentro da *totalidade* existencial da consciência ingênua; refletindo, ela chegará à concepção de que “foi assim”, a morte ocorreu desta forma, todavia poderia ter sido diferente. Aquele que morreu, ou até ela mesma, poderiam ter feito outras coisas, evitado certos comportamentos, agido de outra forma. Eis o pensamento em processo de conscientização da *historicidade* e da *atividade* humana, do fazer que poderia ter sido outro e que deveria ter sido outro ante à pandemia. Pois o cuidar de si e cuidar do outro visando a prevenção da covid-19 é imperativo ético surgido de nossa realidade nacional, o que nos coloca ante o problema da *responsabilidade*.

Longe de uma meditação aprofundada acerca da consciência crítica da pandemia, nos dispusemos a oferecer uma mirada introdutória aos aspectos mais essenciais da temática, que merece estudos mais amplos e pormenorizados. Se, repetimos, Vieira Pinto

discutia a distinção entre consciência ingênua e crítica como marcando a opção entre os comportamentos que atrasavam ou aceleravam, respectivamente, o desenvolvimento nacional, é possível interpretar a mesma distinção, também respectivamente, como relacionando-se da opção entre os comportamentos necropolíticos ou pró-vida ante à pandemia; é disto que trataremos a seguir.

A pandemia não surgiu para cumprir determinada função, não está cravada no destino da Humanidade ou da nação como tendo uma finalidade específica, deliberada por um arbítrio caprichoso ou suscetível à vingança; emerge como consequência de fatores objetivos e assinaláveis historicamente. Um deles, apresentando-se como um dos principais, e desvelando a *objetividade* do ser da pandemia, é o próprio fato de que hoje, mais do que nunca, o mundo está “mundializado”.

Enrique Dussel (2012) mostra como, até 1492, a história pluriversal mundial desenvolvia-se a partir de diferentes sistemas civilizatórios. O sistema inter-regional asiático-afro-mediterrâneo tem grande relevância histórica, pois o exame de seu desenvolvimento, e das relações travadas especialmente entre os árabes e os asiáticos, vem mostrar as insuficiências da narrativa eurocêntrica da história. Todavia gostaríamos de destacar que é apenas com a invasão, conquista e exploração da Latinoamérica que surge pela primeira vez um “mundo mundial”, pois só então o mundo mesoamericano, inca, nativo-brasileiro e norte-americano são incorporados no sistema global recém-inaugurado. Em outro texto, Dussel é ainda mais explícito ao afirmar que a pandemia é um “fato mundial, *nunca experimentado antes* e de maneira tão globalizada⁶” (2020, p. 89). Ele propõe que, partindo da conscientização de nossa realidade de necrocultura, devemos antes de tudo afirmar a Vida sobre o capital, sobre o colonialismo, patriarcalismo e muitas outras formas de opressão que destroem as condições universais de vida na Terra. Temos aqui, indica ele, as bases reflexivas para inaugurar a transmodernidade.

Perceba-se que Dussel (2020), a partir da conscientização da realidade, propõe um projeto. É um procedimento lícito e crítico, não incidindo esse filósofo em ingenuidade, pois ele não indica um “outro plano”, a não ser metafórico, quando fala em “mãe natureza” dando um “xeque” na Humanidade, a partir do qual se daria a necessária manifestação da pandemia de covid-19.

⁶ Tradução nossa do trecho original: “hecho mundial, *nunca experimentado antes* y de manera tan globalizada”.

Um aspecto da objetividade da pandemia a ser considerado na nossa realidade nacional é a presença do Sistema Único de Saúde (SUS) em contradição dialética com o sistema empresarial de saúde. Implicada a este aspecto contraditório da realidade temos uma situação de privilégios sociais: as diferentes estratificações de nossa sociedade possuem, de acordo com sua riqueza, ou o acesso exclusivo ao primeiro sistema, sobrecarregado e subfinanciado, ou então têm à sua disposição o segundo, que garante muitos recursos de cuidado em saúde aos grupos mais abastados – constituídos por poucos felizardos brasileiros. Pululando entre elas há o grupo dos que têm o suficiente para pelo menos almejar um plano de saúde, mas pouco para aproveitar-se de seus serviços, já que são onerosos para os três ou quatro salários mínimos que nossa autoproclamada classe média ganha.

Não haveria para nós interesse maior em expor essa realidade, a não ser pelo fato de que ele ilustra com precisão uma das contradições que surge entre o bem público e o bem privado, e porque ela permite-nos indicar outro aspecto da apreensão crítica da pandemia. Já dizia Álvaro Vieira Pinto que a iniciativa privada equivalia a uma iniciativa privante (1960, vol. II). Isto explica o fato de que o interesse de uma empresa que trata a saúde como mercadoria é ter lucro, e lucro para alguns apenas. Não importa que a maior calamidade de saúde coletiva do século XXI esteja em curso: a avidez por lucro, por mais dinheiro, deixa os podres de rico do sistema empresarial de saúde em alvoroço, mesmo que tenham que privar a maioria da população brasileira de acesso aos serviços de saúde. Mostra-se aqui não apenas a importância do SUS para o povo brasileiro. Ele é um patrimônio político e social a ser defendido de forma intransigente e que, portanto, deve receber maiores investimentos humanos e pecuniários. O SUS deve ser entendido com um *bem* público, tomando esse conceito na acepção elaborada por Vieira Pinto (2008, p. 311 e segs.). Ele é bom para o povo brasileiro, pois oferece, para muitos, as únicas formas científicas de cuidado em saúde a que terão acesso, formas estas fundamentais para a produção coletiva da existência. A contradição entre o sistema público e o sistema empresarial de saúde indica-nos também a tensão entre ambos: um em se consolidando implica na derrocada do outro. O outro em se espalhando leva à ruína os princípios de universalidade, igualdade, equidade, descentralização e participação popular do primeiro. Por isso esta contradição tem evidência em uma apreensão crítica da realidade nacional, pois significa a defesa ou de um sistema nacional de saúde humanizado, que acolhe toda a população, ou então o privilégio de uns poucos endinheirados que podem receber cuidados em saúde.

Outra contradição pertencente à apreensão crítica da realidade nacional encontra-se na Educação Brasileira, e aqui destacamos especialmente o Ensino Superior. O tema da educação em tempos de pandemia merece ser aprofundado em todas as suas dimensões, dada sua relevância. É preciso abordar o fenômeno educacional não apenas empiricamente, pesquisando sua multifacetada manifestação durante a pandemia. A esse respeito a psicologia, sociologia e da ciência da educação têm importante papel a desempenhar. A investigação filosófica pode contribuir através da síntese dos diferentes saberes e da meditação acerca da mobilidade do real, debruçando-se sobre a questão educacional. Nesta linha reflexiva, assinalaremos uma diferença entre as universidades públicas e as empresas privadas de ensino superior: enquanto as primeiras lançam mão da educação a distância como forma de abranger mais estudantes, tendo preparado – ainda que morosamente – medidas afirmativas para inclusão digital, as empresas privadas de educação aproveitaram-se da calamitosa situação pandêmica para aumentar suas taxas de lucro, mantendo mensalidades e demitindo professores e funcionários da administração. Induzido deste fato empírico, temos a constatação de outra contradição em nossa realidade: aquela que opõe as universidades públicas às empresas privadas de educação superior. Reflexões similares podem ser estendidas ao Ensino Básico, já que as empresas privadas de educação também tratam a educação como uma mercadoria.

Um outro aspecto, ainda pertinente a uma apreensão objetiva da covid-19 na realidade brasileira, encontra-se na desproporção com que alguns grupos (negros, indígenas, estamentos pobres da sociedade) são vitimados pela enfermidade. Longe de uma fatalidade, conforme poderia crer a consciência ingênua, é na verdade uma crise sanitária e humanitária, fruto de determinantes políticos objetivos e causas historicamente assinaláveis. A explicação correta deste fenômeno só pode se dar pela necropolítica impetrada contra o povo brasileiro, conforme assinalamos em outro trabalho (B. COSTA, 2020). Por outro lado, vale ressaltar que o que explica a presença dessa mesma desproporção em outros países, até mesmo do Norte global, é a colonialidade do poder (SCAUSO et al., 2020), dispositivo que age de forma a justificar o *ser menos* de grupos considerados hierarquicamente inferiores ao europeu. Não seria equivocado assinalar que negros, índios, trabalhadores, a população LGBTQ+ e mulheres têm vivido sob o signo da morte ao longo do domínio da colonialidade, seja no Sul, seja no Norte global.

A *racionalidade* como predicado da consciência crítica da pandemia expressa-se através do recurso à ciência. Enquanto a consciência cãndida repele os consensos e

pareceres científicos de diferentes formas: minimizando a gravidade da situação, usando irresponsavelmente substâncias de efeito comprovadamente neutro ou iatrogênico no enfrentamento à covid-19 e até mesmo negando a existência do quadro pandêmico, o pensar crítico acolhe com respeito as posições científicas. Ainda que reconheça e entenda o condicionamento histórico do saber científico, coisa impensável para a consciência desarmada, que adota uma visão estática do mundo e deleitava-se com os “erros” dos pesquisadores ao estabelecerem o “quando” do pico da curva, a mirada crítica da realidade nacional apreende a realidade em sua mobilidade. A verdade científica também é vista desta forma e por isso os próprios enunciados científicos são percebidos em sua variabilidade inevitável; a grande questão é saber diferenciar as posturas místicas, românticas e idealistas oriundas da ingenuidade e procurar a objetividade do mundo, o que é oferecido pela ciência, mesmo que no decorrer do tempo suas formulações se provem inverídicas pelas novas descobertas ou pelas novas interpretações do real que ela mesma fornece.

A partir das primeiras semanas de agravamento da difusão do vírus em escala mundial algumas orientações e diretrizes foram clara e repetidamente repassadas à população. Ainda que deva ser considerado o discurso genocida perpetrado pelo presidente da República, que pode ser contabilizado como mais um ato-para-a-morte, ou seja, o componente ativo da necropolítica, é preciso destacar que o pensamento crítico não se furta ao caráter objetivo e racional desta situação de impacto mundial. Considerando os diversos expedientes de depreciação e rebaixamento do campo científico brasileiro, constituído especialmente pelas universidades e outras instituições públicas, e o pobre desempenho que nosso país teve no enfrentamento à pandemia, é impensável que enquanto advindo crítico-reflexivo da situação pandêmica, uma “moral da história”, não esteja arrolada a valorização da ciência e da racionalidade. Com isso em nada queremos diminuir a importância da afetividade humana. O próprio Vieira Pinto, ao discutir a racionalidade enquanto traço crítico da consciência, coloca explicitamente que “o pensador crítico vive necessariamente a concomitância da representação e do sentimento” (1960, vol. II, p. 56). Nosso intuito é apenas apontar a relevância de uma mirada que represente a realidade em seus aspectos objetivos e em suas determinações causais, o que é possibilitado pela ciência. É a diferença existente entre as posições sensitivas e impressionistas ingênuas e a racionalidade da consciência crítica que nos permite escolher adequadamente entre a necropolítica e o comportamento pró-vida.

A *totalidade* é uma categoria de amplos usos, podendo focar distintos âmbitos da realidade. Salientaremos aqui, além da já citada *totalidade biográfica* familiar ou social da pessoa, que passa a ter uma consciência crítica acerca da covid-19 a partir do sentido que a morte instaura em sua experiência existencial, dois outros modos pelos quais essa categoria crítica pode ser empregada. A primeira consiste em apreender o desenrolar da pandemia tendo como horizonte a *totalidade geopolítica* que engendra e da qual faz parte a comunidade nacional brasileira ante as outras nações do mundo. Isso nos leva a meditar acerca da condição do Brasil enquanto nação subdesenvolvida e que atualmente, mais do que nos anos anteriores, tem enfrentado uma grave subalternidade e servilismo político ante aos interesses econômicos dos Estados Unidos.

O emprego do qualificador “subdesenvolvido” aplicado à realidade brasileira não é um tradicionalismo terminológico, nem o uso de uma expressão já superada. Álvaro Vieira Pinto (2008) denuncia como funciona e o porquê de existir uma ocultação semântica do subdesenvolvimento. Essa medida visa excluir do debate o povo, que sofre na pele e na alma suas agruras, mas que não deve se pronunciar sobre este fenômeno, pois é assunto reservado a técnicos. Por outro lado, o termo ofusca que a realidade subdesenvolvida é condição política, econômica, social, cultural e existencial em que viceja o Brasil e os brasileiros, bem como os outros países e povos do Sul global. O emprego de eufemismos, como país emergente, em desenvolvimento ou mercado emergente visa atenuar o fato concreto de que é uma realidade que demanda o *desenvolvimento nacional*, conceito entendido aqui a partir das reflexões de Álvaro Vieira Pinto (1960). Vale ressaltar que o uso do termo “mercado” não é casual, mas reflete-se no projeto das nações hegemônicas de moldar o mundo a partir da centralidade das relações de troca, que necessariamente devem beneficiá-los. Trata-se de evidenciar a função estruturante que o mercado tem no capitalismo, o que foi salientado por Fraser e Jaeggi (2020). Em suma, a opção epistêmica pelo uso do qualificador aludido se refere à tentativa de atualização da filosofia do desenvolvimento enquanto disciplina filosófica autônoma, o que traz, implicadas, diversas distinções e supressões ante à proposta original de Vieira Pinto (1956; 1960) e Roland Corbisier (1978).

A geopolítica do saber (Maldonado-Torres, 2007) faz parte dessas reflexões acerca da totalidade. Por meio dela podemos denunciar o papel subalterno ocupado pelo Brasil e pelo Sul global na produção científica relacionada à covid-19 e à pandemia, conforme verificado na pesquisa relacionada à produção de vacinas, novas substâncias medicamentosas, tecnologias em saúde, protocolos etc. que são, ou sabotados

simplesmente, como no caso do programa de governo neoliberal-bolsonarista de uma ciência sem financiamentos, ou na também deletéria pesquisa científica que é mais imitativa e transplantadora do que inovadora de fato. Entendemos que a transplantação conceptual inepta é um dos traços da consciência ingênua conforme manifestada na prática científica atual. Ela caminha de mãos dadas com o bovarismo e filoneísmo, velhos amigos de nossa história filosófica (CRUZ COSTA, 1967; DOMINGUES, 2017) e, certamente, cultural em geral. Relaciona-se também com as *fronteiras culturais*, de que fala Paulo Martins (2019).

Enrique Dussel (2020) assinala, já mostramos, a extraordinária *mundialização* da pandemia, isto é, o planeta encontra-se em grau tão elevado de integração que a relação entre os povos que compõem a Comunidade Humana Pluriversal está, mais do que nunca, próxima, por isso a franca difusão do vírus. Nossos interesses reflexivos, limitam-se a tentar apreender a totalidade que engendrou a pandemia na realidade nacional nos contornos específicos em que se manifestou. A este respeito, as fronteiras culturais, bem como as fronteiras territoriais, são dinâmicas e alteram-se historicamente, todavia existe um caráter fronteiriço na ciência que devemos ter consciência. A resposta das ciências humanas aos problemas da pandemia não é a mesma em Lima e Fortaleza, nem em Nova Iorque e Damasco, sequer em Manaus e Florianópolis. A não ser que seja adotada uma perspectiva abstrata, só assim amplamente aplicável, mas praticamente pouco distinguível e útil, não é possível falar de uma resposta universal, como quer a episteme ocidental.

É de extrema importância realizar o *situar-se descolonial*, isto é, empregar este elemento metodológico que consiste em produzir reflexões a partir dos contornos geopolíticos do Sul global, ou então da experiência vivida pelos seus habitantes diaspóricos – o que aqui não é o caso –, mas em evidente contraste entre a vivência do centro e a da periferia. É preciso salientar o que é refletir pensando no centro e aplicar aí esses conhecimentos e o que é estar na periferia; ter disponível o conhecimento do centro, mas não dever aplicá-lo sem uma radical depuração, não apenas conceitual e metodológica, mas também descolonial, o que leva a uma crítica epistemológica e política do fazer científico e, portanto, pro-põe um fazer Outro.

O situar-se descolonial parte da apreensão da realidade circunstante, propondo uma conscientização crítica, o que leva à consideração de sua história, a totalidade econômica e social da qual faz parte e sua diversidade cultural, tudo isso explicitando suas distinções ante as produções oriundas do Norte global. O situar-se decolonial é uma

das principais ferramentas para desarmar a “bomba cultural” de que fala Wa Thiong’o (BERNARDINO-COSTA, MALDONADO-TORRES & GROSGOUEL, 2018, introdução);

A segunda forma pela qual a *totalidade* deve ser empregada para uma apreensão crítica da realidade nacional consiste em remetê-la ao exame do ser da pandemia dentro da comunidade nacional. Aqui focaliza-se não o aspecto geográfico da questão, mas como as relações sociais entabuladas no interior de nossa comunidade nacional cria uma série de marcadores que, ainda que possam ser discutidos no horizonte da mundialidade, manifestam-se de forma particular no nosso “mundo nacional”. Nosso intuito ao empregar esta expressão foi enfatizar a crítica de Álvaro Vieira Pinto ao conceito existencialista de ser no mundo (*in-der-Welt-sein*). Defende o autor que, ainda que ontologicamente a expressão pode ser aproveitável, ainda que reconceituada através do pensar crítico, sociologicamente a condição do ser humano no mundo só pode ser corretamente entendida através do “estar na nação” (1960, vol. II, p. 132 e segs.).

É preciso uma grande dose de abstração e artificialidade para tomar a existência humana como sendo isolada de sua realidade vivencial. Todavia, ainda que reconhecendo a implicação recíproca entre humano e mundo, os filósofos da existência falham em trazer em consideração o “mundo” em que é dado ao ser humano estar. Esta cisão é responsável por uma série inumerável de equívocos teóricos e práticos a respeito da condição humana. Vieira Pinto destacou seu potencial como recurso da dominação imperialista: o descompromisso com a realidade concreta do ser humano permitiu aos existencialistas esfalfarem-se em reflexões sobre o Nada, enquanto na realidade subdesenvolvida estamos ante ao Tudo, ao tudo quanto há de ser feito para facultar o desenvolvimento nacional e a superação desta realidade desumana (VIEIRA PINTO, 1960, vol. I). Estas reflexões atacam a pretensa universalidade europeia e permitem-nos embasar a atitude da consciência crítica de pensar sua situação em referência à sua totalidade existencial circunstante. Como o ser humano não é lançado imediatamente em um mundo em abstrato, indefinido, temos forçosamente de reconhecer o estatuto privilegiado da nação: é ela que abre ao humano a vivência do Ecúmeno. A Comunidade Humana Pluriversal é acessada pelo indivíduo a partir de sua comunidade nacional particular. Eis como se dá nosso tempo histórico atual. Nada impede que um dia se unifique toda a Humanidade em um só ser político-existencial mundial. É legítimo preocupar-se com esta possibilidade, sem embargo, mantendo os pés em nosso chão, e olhando a realidade nos olhos, é preciso reconhecer que a pandemia é vivenciada de

diferentes formas graças às relações sociais, culturais, econômicas e políticas que são oferecidas em cada nação específica.

Uma visão crítica da pandemia na realidade nacional deve considerar que existem diferentes formas de experienciar a crise econômica de acordo com determinados marcadores. A redução do Produto Interno Bruto, o desemprego, a dificuldade em garantir a satisfação das necessidades humanas básicas, tudo isso é esperado como advindo da pandemia. Porém, segundo uma reportagem publicada logo após os primeiros meses da pandemia, no período de março a junho de 2020, 42 bilionários brasileiros aumentaram suas fortunas em 34 bilhões de dólares⁷. Eles não sofreram a pandemia como um trabalhador sofreu, ainda que provavelmente usarão o sofrimento das massas para aumentar ainda mais sua fatura por dinheiro. O vírus não escolhe estamento social, gênero, raça ou religião. Todavia muitos grupos são excluídos dos serviços de cuidado à saúde, o que coloca em evidência esses marcadores e a necessidade de sua consideração para uma apreensão crítica da pandemia na realidade nacional. As mulheres tendem a ser afetadas desproporcionalmente pela crise, tal como aponta um documento elaborado pela Entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e o Empoderamento das Mulheres, conhecida como ONU Mulheres. Segundo ele as mulheres tendem a ser responsabilizadas pelos cuidados de familiares doentes, idosos e crianças. Aliado a isso, a pandemia impactará negativamente setores como turismo e comércio, nos quais as mulheres ocupam boa parte dos postos, o que pode resultar em uma maior carga de trabalho em casa concomitante à perda de renda. Por outro lado, especialmente considerando estes seis últimos anos de guerra explícita do governo brasileiro contra o trabalhador, há que se considerar que a crise vai afetar em grande medida as trabalhadoras informais, um setor com pouquíssima proteção trabalhista. O documento salienta que esse contexto de emergência tende a aumentar os riscos de violência e abuso contra mulheres e meninas, além de dificultar o acesso a serviços de proteção e cuidado (ONU MULHERES, 2020). Um dos aspectos centrais do machismo, isto é, a atribuição de papéis sociais às mulheres por serem mulheres, explica a sobrecarga que estas estão enfrentando. Quanto à ofensa sexual infantil, termo que consideramos mais adequado para referir-se àquilo comumente chamado de abuso sexual⁸, é preciso enfatizar que o

⁷ Enlace para a reportagem: https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2020/07/27/internas_economia,1170395/brasil-42-bilionarios-aumentaram-fortunas-durante-a-pandemia-covid-19.shtml. Acessado em 29/07/2020.

⁸ A esse respeito remetemos o leitor ao texto de Werner (2009), quem discute esta substituição terminológica.

contexto de isolamento social força as meninas a conviverem com seus ofensores, que na maioria dos casos encontra-se no próprio espaço doméstico (Fávero, 2010).

Outro marcador de relevo é a raça. Todavia longe de almejarmos animar os ânimos dos racistas inveterados, que tendem a lançar mão de estropiadas justificativas biologistas para justificar as desigualdades raciais, nosso intuito é lançar luz à questão e explicá-la a partir de suas corretas bases: do poder moderno-colonial. A esse respeito Aníbal Quijano (2005; 2010) mostra como, a partir da modernidade, a colonialidade do poder foi assentando-se a partir, também, do uso prático-conceitual do construto *raça*. O fenômeno verificado em nossa realidade nacional, de que morreram mais negros do que outros grupos por covid-19⁹, não se explica, por conseguinte, por outra razão senão pela malha de dominação racial. Ademais diversas populações indígenas também foram dizimadas pela covid-19 sem o mínimo de preocupação humanista de agentes públicos do governo necrófilo. Evidencia-se aqui a relevância de se considerar o marcador racial, pois os povos de cor, em todo o planeta, têm sido marcados pelo signo da morte.

Já a religião entra consideração especialmente ao apreendermos a atividade de grupos religiosos que expõem, através da pregação de seus líderes e do compartilhamento de seus membros, seus fiéis a atos-para-a-morte. Desde o traço de consciência ingênua que patenteia-se na crença negadora da elegibilidade humana ante à covid-19 à efetiva aglomeração em templos em condições inadequadas, a religião foi utilizada como dispositivo a serviço dos executores da necropolítica.

Ainda que todos estes marcadores, grupo social, gênero, raça e religião, bem como outros possíveis, tenham caráter internacional, pois o padrão de dominação mantido pela colonialidade é global, sua manifestação é particularizada em cada comunidade nacional. Sansone (2002) assim aponta a respeito do racismo e entendemos que este entendimento deve ser estendido aos outros marcadores. Não há base empírica para a defesa de que as tarefas de combate ao machismo são as mesmas no Brasil, na Somália ou na Noruega, a não ser que empreguemos uma boa dose de abstração em nosso enunciado, o que só é feito sob pena de um improfícuo vazio-prático.

Em relação à *atividade* enquanto categoria crítica da apreensão da pandemia na realidade brasileira, é necessário considerar que o ser humano faz-se através da

⁹ Enlace para reportagens: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/04/coronavirus-e-mais-letal-entre-negros-no-brasil-apontam-dados-da-saude.shtml>; <https://istoe.com.br/coronavirus-e-mais-letal-entre-negros-no-brasil-diz-dados-do-ministerio-da-saude/>; <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/04/11/coronavirus-e-mais-letal-entre-negros-no-brasilapontam-dados-do-ministerio-da-saude.ghtml>.

intervenção sobre o mundo, através do trabalho. A apreensão crítica da atividade impõe à reflexão a condição vital dos trabalhadores e a possibilidade de sua produção e reprodução da existência. Isto é, a condição dos brasileiros e brasileiras enquanto trabalhadores que precisam de seu trabalho cotidiano para viver e sustentar sua vida no decorrer do tempo.

A concepção vieirista de estar no mundo, de que o ser humano encontra-se junto a seres animados e inanimados, do plano inorgânico, orgânico e do ser social, e que aí deve produzir sua existência, é fundamental para o entendimento da atividade humana. Por meio do agir o humano se interpõe no mundo, isto é, se entre-põe junto aos seres de sua realidade circunstante. Portanto a atividade deve ser vista em sua justa amplitude, porque não apenas os assalariados são parte da engrenagem capitalista, mas também – e essas formas ainda são mantidas no Brasil – os que são escravizados, submetidos à servidão etc. (QUIJANO, 2010).

Para um breve exame da atividade em tempos de pandemia consideramos importante citar que Vieira Pinto traz uma elaborada conceituação da atividade, englobando tanto o conhecer, quanto o agir. Isto é, recusando o falso dualismo estabelecido entre mente e mundo, ele propõe uma concepção que expressa a indissociabilidade entre pensamento e ação (VIEIRA PINTO, 1960, vol. II, p. 189). Portanto o trabalho deve ser abordado não apenas em seu aspecto vital e econômico: é preciso abordar o aspecto gnosiológico e existencial, pois o trabalho modifica o mundo e o ser humano pelas novas ideias que suscita.

É no contexto reflexivo da atividade como categoria crítica que surge a concepção comunitária da axiologia, de Vieira Pinto. A atividade humana não é isolada, mas coletiva, ou pelo menos se dá em uma certa comunidade. Toda atividade em alguma parcela se concrecionar como inter-atividade, porque se refere à categoria através do qual é apreendida a interação humana. Vieira Pinto (1960, vol. II) explica que os valores são comunizados, isto é, tornados comuns por determinada comunidade. Assim ela reconhece-se como um todo graças a esses valores. Atualmente a realidade brasileira apresenta grande dispersão valorativa, o que, no âmbito da reação à pandemia, se manifesta esquematicamente na dualidade entre cuidar de si e do outro, ou então na irresponsabilidade ante à vida e a morte.

A partir destas reflexões compreende-se a responsabilidade com si mesmo e com o outro como posicionamento crítico – pois a consciência não apenas apreende o mundo, mas é indissociável de um correspondente agir sobre ele – em tempos de pandemia. A

consciência crítica sabe ser determinada a agir de maneira responsável, isto é, respondendo à demanda por cuidado, no contexto pandêmico. Sua interposição no mundo mostra-lhe os riscos eliciados pelo coronavírus à vida e à reprodução da vida, de si e da sua comunidade, por isso ela é levada aos atos pró-vida.

A *liberdade* é outra categoria crítica trabalhada por Álvaro Vieira Pinto (1960, vol. II). Em suas reflexões percebe-se uma recusa ao existencialismo pelo subjetivismo e imobilismo que provoca e justifica. Estas são duas posturas letais em nações em esforço de desenvolvimento. No primeiro volume da obra, ele chega a afirmar que essa corrente de pensamento, naquele tempo, era “a que mais [expunha] os seus adeptos ao perigo da alienação” (1960, vol. I, p. 66). A liberdade em Vieira Pinto não é um atributo do agente, uma nota essencial da pessoa, anterior ao ato; mas sim é um caracterizador do próprio agir humano, que pode libertar ou não. Em suas reflexões a liberdade é o caráter de ser das ações libertadoras, portanto ele toma como referência principal para sua meditação a libertação dos países subdesenvolvidos das amarras que compõem sua contradição principal: aquela que opõe seus interesses e os interesses de seu povo aos das nações imperialistas.

Ao elaborar sua concepção de liberdade, Vieira Pinto ofereceu um exemplo do situar-se descolonial que aludimos acima, escancarando as diferenças entre as manifestações das situações-limite, ser para a morte e existência autêntica na nação imperialista em que tais conceitos foram forjados e nos países subdesenvolvidos. Em nossa realidade não faz tanto sentido pensar nestes três termos em seu formato original, isto é, de forma subjetiva e pessimista, mas sim é necessária uma depuração conceitual (descolonial, diríamos) para uma apreensão adequada de nossa realidade nacional (Vieira Pinto, 1960, vol. II). Podemos lançar mão das reflexões vieiristas, que ofereciam as bases para se discutir o desenvolvimento nacional de maneira crítica, para abordar a pandemia de covid-19 também de maneira crítica.

A pandemia constitui, para a nação brasileira, uma situação-limite tal como descrita por Vieira Pinto (1960). Uma comparação entre a concepção original de Karl Jaspers e a do filósofo brasileiro será feita por nós em outro trabalho. Neste momento, enfocando em nossa temática, nos limitaremos a assinalar que no Norte global pode até haver uma situação-limite no sentido jasperiano original, isto é, que afeta o indivíduo apenas, que se vê ante a angústia de defrontar-se com a possibilidade da morte mesmo possuindo acesso aos recursos de saúde tecnologicamente mais desenvolvidos e caros do

mundo. Já no Sul global, estamos ante a uma situação coletiva e distinta, pois o SUS tem sido deliberadamente subfinanciado. Nosso drama:

está relacionado não ao possuir a tecnologia de ponta e ainda assim estar sujeito à morte, mas ao não possuir sequer a aparelhagem de cuidado, ou profissionais de saúde, para a população toda. Por isso nossos atos-limite, isto é, o modo de ser do humano que, através da atividade libertadora, se destina à superação das situações-limite, concretizam-se na busca pela vida. Consequente à autoconsciência nacional acerca dos verdadeiros efeitos das ações políticas perpetradas pelos defensores da morte do povo brasileiro, temos o surgimento do vislumbre de outras possibilidades para uma política outra, capaz de valorizar autenticamente a vida (B. COSTA, 2020, p. 45).

Para nós a absurdidade da morte provocada pela covid-19 não é a impossibilidade de evitá-la, mas o oposto: a possibilidade e a facilidade com que politicamente e comunitariamente isso poderia ter sido feito. Portanto, ante ao quadro necropolítico, que constitui nossa situação-limite, é-nos aberta uma transcendência histórica, e não religiosa ou mística. A superação dela, portanto, se dá por meio do engajamento comunitário. A esse respeito, o “Plano nacional de enfrentamento à pandemia da covid-19” (FRENTE PELA VIDA, 2020), elaborado por várias entidades que atuam na saúde e na saúde coletiva, apontava a relevância do “fortalecimento de iniciativas comunitárias autorreguladas, sob a forma de redes de solidariedade novas e pré-existentes que buscam suprir a omissão do Estado em sua violenta necropolítica” (p. 11). As situações-limite no Brasil devem ser pensadas lançando mão de marcadores como gênero, raça e estamento social, pois a colonialidade do poder estabeleceu-se, consolidou-se e mantém-se através de sua constante inter-contradição. Nada obstante, a questão nacional amarra todos eles, dando-lhes um sentido prático específico, à luz das particularidades de nossa comunidade nacional. Esses marcadores e outros possíveis, ainda que tenham difusão global em sua função opressora, expressam-se concretamente de forma particularizada em cada país e dentro dele em cada território. Só um abstracionismo ineficaz poderia encerrar-se no uso cosmopolita, “universalista” desses marcadores. Eis-nos em face à última categoria crítica: a nacionalidade.

A *nacionalidade* e seus temas correlatos configuram uma questão espinhosa no pensamento descolonial, já que no bojo da própria colonialidade do poder encontra-se o Estado-nação como instituição criada para gerir a autoridade e a coerção (QUIJANO, 2005). Muitos autores deste campo rechaçam veementemente o nacionalismo: Ramon Grosfoguel (2020) é um exemplo, desapreciando-o em entrevista recente. Walter

Mignolo e Catherine Walsh (2018) indicam a origem desta instituição como estando encravada na matriz colonial de poder, o que não vaticina em prol dela.

A precaução em torno do nacionalismo é justificada nesses autores, considerando as experiências históricas europeias a que eles se referem. Todavia é preciso diferenciar o que significa ser nacionalista no Norte Global e no Sul. O nacionalismo do Norte tem desembocado em manifestações diversas de totalitarismo, xenofobia, fascismo e nazismo. São respostas ingênuas de coletividades e grupos assanhados por poder. O nacionalismo do Sul global deve ser outro. Sua *tendência* histórica é ser Outro, à medida em que a afirmação nacional crítica se dá enquanto exterioridade ante ao imperialismo central. Não defendemos, de forma alguma, o patriotismo ingênuo à maneira neoliberal-bolsonarista, que se ajoelha servil ante a bandeira do velhouco Sam e prodigaliza hostilidades contra alvos da política externa ianque, como os venezuelanos ou chineses. De fato, sequer de patriotismo isso pode ser chamado; o epíteto entreguista detém maior justeza. Tampouco defendemos um nativismo ingênuo, tomando um passado, quase que remoto, como sendo idílico, perfeito, a ser alcançado.

A *nacionalidade* como traço da consciência crítica significa que apreensão autêntica da realidade nacional é necessariamente autoconsciência; é expressão da consciência de determinada coletividade (estamos falando da consciência social da realidade nacional, não da consciência individual) acerca de si mesma e de seu entorno. A nação tem, hoje, primazia sobre outros entornos (VIEIRA PINTO, 1960, vol. II). Outrora os conceitos de família, gens, clã, tribo, império, feudo na Europa medieval e assim sucessivamente podiam ser empregados em detrimento da nação conforme seus contornos atuais, assim como futuramente, quem o sabe, o mundo abrir-se-á ao ser humano como um ecúmeno pluriversal. Todavia hoje, e é importante apreender as particularidades do Sul Global, a atividade humana é exercida em um contorno nacional específico, com suas contradições específicas e que requerem uma autoconsciência para sua resolução. Com isso não queremos encerrar o povo de um país em suas históricas – e por isso transitórias – fronteiras, nem fingir que não existem contradições em torno do nacionalismo no Sul global¹⁰, só queremos apontar que a nação tem papel existencial essencial e uma possibilidade de papel libertador extremamente potente. Concordamos com Paulo Martins (2019) a respeito da necessidade de se (re)discutir o papel da nação e

¹⁰ Linera (2010) discute como a nação, no caso boliviano, significa uma falsa homogeneização da identidade de povos distintos. Anne McClintock (2010) denuncia como no projeto da nova nação Sul-Africana as opressões de gênero se mantêm: no projeto da nova nação a mulher deveria persistir na situação subalterna.

do nacionalismo como recurso anticolonial. O drama da opressão unificada e da resistência fragmentada poderia encontrar sua resolução no nacionalismo. Por outro lado, Dussel aponta que “conjunturalmente, a afirmação da cultura nacional é uma posição libertadora ante a cultura imperial e um primeiro passo necessário no caminho da revolução cultural da periferia¹¹” (2011, pp. 151-152). É um primeiro passo, mas não o único, nem um passo que distancia o povo brasileiro da solidariedade com os outros povos condenados da terra. Em outros trabalhos expusemos como a concepção vieirista de nacionalismo, além de libertadora, é estimuladora da solidariedade entre os povos oprimidos (B. COSTA, 2019; B. COSTA & MARTINS, 2019).

Em relação à nacionalidade como categoria crítica da apreensão da pandemia na realidade brasileira podemos ressaltar a necessidade de um projeto nacional que cuide do povo. A consciência crítica não é passiva ante à realidade; mas pelo contrário, é sempre ativa. Em tempos de pandemia sua ação pauta-se na responsabilidade pela vida, sua própria e a alheia, pois é da carência de vida, da realidade das *vítimas*¹² da necropolítica, que sua ética é induzida e se constitui reflexivamente.

Razões objetivas fizeram com que o Vietnam, a China, a Tailândia e outros países desempenhassem melhor do que o Brasil ou os Estados Unidos no enfrentamento ao covid-19 (GOMES DA SILVA, 2020). Filosoficamente deve ser dada uma resposta a essa grave problemática, e a nacionalidade aqui é a categoria responsável pela apreensão adequada e eficiente do problema.

Considerações finais

No dia 11 de abril de 2022, quando terminamos a última revisão deste texto, haviam 661.327 mortes e 30.161.205 casos confirmados de covid-19 no Brasil (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020b). A pandemia não veio para cumprir determinada função; ela configura-se como fenômeno determinado por fatores objetivos. Ela é uma situação-limite para os povos do Sul global e, a partir dela, é necessário não apenas resistir, mas buscar formas de re-existência, ser para a vida, projetar uma nova realidade: humanizada e humanizadora, que cuide de todos.

A ação humana é reflexo do pensar ingênuo ou crítico. O comportamento ante ao coronavírus é determinado por isso, portanto a questão da consciência adquire grande

¹¹ Tradução nossa.

¹² Tomando este termo no sentido de Dussel (2012).

relevância prática para se pensar a necropolítica ou os comportamentos pró-vida no âmbito da pandemia. Álvaro Vieira Pinto nos oferece um rico referencial metodológico de exame desta questão, além de nos possibilitar um percurso de virada existencial, ou, melhor dizendo, a passagem da consciência ingênua para a consciência crítica.

As notícias falsas, conforme foi discutido com em relação à pandemia e aludido em referência a outros eventos de nossa história recente e remota, são haveres dos dominadores do povo brasileiro e empregados com certa regularidade. Tal asserção, compreenda-se, é feita com base nas reflexões vieiristas sobre as categorias dialéticas de ter e haver (VIEIRA PINTO, 2005, vol. I, p. 488-492). Essa “infodemia”, conforme alguns denominaram, deve ser abordada à luz da libertação nacional. O próprio conceito de nação deve ser tratado com relevância, pois não estamos na França, a partir da qual Foucault descreve a biopolítica; estamos no Brasil em que o bolsonarismo nos impõe uma grave necropolítica. Ao invés de um biopoder exercido para controlar a população e sua vida, temos o necropoder pronto para dizimá-la e arrasar com suas aspirações.

Gostaríamos de encerrar apontando a necessidade de se envidar maiores esforços transdisciplinares no estudo das pandemias. Em determinado momento esta situação pandêmica se encerrará e a Humanidade procederá à sua marcha cotidiana, todavia “*este no será el último virus o la última mutación del mismo que se reproduzca y se extienda rápidamente a través de la superficie terrestre*” (Molina, 2020, p. 1). Em um mundo cada vez mais “mundializado”, é de se esperar que outras pandemias venham a ocorrer, portanto esse campo de estudos é de extrema relevância e deve ser formalizado e institucionalizado.

Além de todas as limitações deste modesto espaço reflexivo, que somos os primeiros a reconhecer, salientamos a necessidade de um aprofundamento a respeito da apreensão crítica da realidade por meio da categoria de liberdade e de nacionalidade.

Referências

ANTUNES, RICARDO. *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. São Paulo: Boitempo, 2009.

BALLESTRIN, LUCIANA. “América Latina e o giro decolonial”. *Revista Brasileira de Ciência Política* 11 (2013): 89-117.

BERNARDINO-COSTA, JOAZE, MALDONADO-TORRES, NELSON & GROSFOGUEL, RAMON. *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

CORBISIER, ROLAND. *Filosofia política e liberdade*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1978.

CÔRTEZ, NORMA. *Esperança e Democracia: as ideias de Álvaro Vieira Pinto*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2003.

COSTA, BRENO. & MARTINS, ADRIANO. Álvaro Vieira Pinto e o Pensamento Decolonial: A questão da colonialidade do saber (p. 49). *Anais do 3º Colóquio Álvaro Vieira Pinto* (p. 49). Porto Alegre: Rede de Estudos sobre Álvaro Vieira Pinto, 2018. Disponível em <https://www.researchgate.net/publication/329697939>. acesso em 15 set. 2019.

COSTA, BRENO. *Álvaro Vieira Pinto e a educação tecnológica*. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica- ProfEPT) - Instituto Federal do Triângulo Mineiro – Campus Avançado Uberaba Parque Tecnológico - MG, p. 221. 2019.

COSTA, BRENO. & MARTINS, A. Notas à Recepção do Pensamento de Álvaro Vieira Pinto: o caso Vaz e a educação em Consciência e Realidade Nacional. *Educação & Realidade*, 44(2), e83042, 2019.

COSTA, BRENO. O conceito de necropolítica e a pandemia COVID-19: algumas notas sobre a realidade brasileira. *REBELA*, v.10, n.1. jan./abr. 2020, pp. 32-65.

COSTA, DIOGO. Junho de 2013. Em: GIOVANNI ALVES et al. (Coords.). *Enciclopédia do golpe*. v. I. Bauru: Canal 6, 2017, pp. 97-105.

CRUZ COSTA, PEDRO. *Contribuição à história das ideias no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

DOMINGUES, IVAN. *Filosofia no Brasil: legados e perspectivas- ensaios metafilosóficos*. São Paulo: Editora UNESP, 2017.

DUSSEL, ENRIQUE. *Filosofía de la liberación*. México: FCE, 2011.

_____. *Ética da libertação: na idade da globalização e da exclusão*. Petrópolis: Vozes, 2012.

_____. Cuando la naturaleza jaquea la orgullosa modernidad. Em: DUSSEL et al. (Orgs.). *Capitalismo y pandemia*. Editorial FilosofíaLibre, 2020.

FÁVERO, MARIA. *Psicologia do gênero*. Curitiba: Editora UFPR, 2010.

FRASER, NANCY & JAEGGI; RAHEL. *Capitalismo em debate: uma conversa na teoria crítica*. Tradução: Nathalie Bressiani. São Paulo: Boitempo, 2020.

FRENTE PELA VIDA. Plano nacional de enfrentamento à pandemia da covid-19. 2020. Disponível em: <https://www.sbmfc.org.br/noticias/plano-nacional-de-enfrentamento-a-pandemia-de-covid-19-e-lancado-com-apoio-da-sbmfc/>. Acessado em: 21/08/2020.

GOMES DA SILVA, JONAS. A healthy, innovative, sustainable, transparent, and competitive methodology to identify twenty benchmark countries that saved people lives against Covid-19 during 180 days. *International Journal for Innovation Education and Research*, 8(10), 541–577, 2020. <https://doi.org/10.31686/ijer.vol8.iss10.2710>

GROSGOQUEL, RAMON. Geopolítica, capitalismo global e o impacto da pandemia da covid-19 no mundo: Entrevista com Ramon Grosfoguel por Angela Figueiredo. *Revista do PPGCS – UFRB – Novos Olhares Sociais* | Vol. 3 – n. 1 – 2020.

LIMA, CLAUDIO. Informações sobre o novo coronavírus (COVID-19). *Radiol Bras, São Paulo*, v. 53, n. 2, p. V-VI, Apr. 2020. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-39842020000200001&lng=en&nrm=iso>. access on 03 Aug. 2020. Epub Apr 17, 2020. <https://doi.org/10.1590/0100-3984.2020.53.2e1>.

LINERA, ALVARO. *A potência plebeia*. São Paulo: Boitempo, 2010.

MALDONADO-TORRES, NELSON. On the Coloniality of Being. *Cultural Studies*, 21(2), 2007, pp. 240-270.

_____. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. Em: BERNARDINO-COSTA, J., MALDONADO-TORRES, N. & GROSGOQUEL, R. (Orgs.). *Decolonialidade e Pensamento Afrodiaspórico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. pp. 27-53.

MARTINS, PAULO. *Teoria crítica da colonialidade*. Rio de Janeiro: Ateliê das Humanidades, 2019.

MASSEMBERG, DÉBORA. A direita que saiu do armário: a cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes de direita brasileiros. Em: CAMILA ROCHA & ESTHER SOLANO (Orgs.). *As direitas nas redes e nas ruas: a crise política no Brasil*. São Paulo: Expressão Popular, 2020, pp. 175-213.

MCCLINTOCK, ANNE. *Couro imperial: raça gênero e sexualidade no embate colonial*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

MIGNOLO, W. & WALSH, C. *On Decoloniality: concepts, analytics and praxis*. Durham: Duke University Press, 2018.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Painel de casos de doença pelo coronavírus 2019 (COVID-19) no Brasil pelo Ministério da Saúde*. (2020) Retirado de: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em 25/07/2020.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Painel de casos de doença pelo coronavírus 2019 (COVID-19) no Brasil pelo Ministério da Saúde*. (2022) Retirado de: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em 11/04/2022.

MOLINA, LETICIA. Conjeturas acerca de los efectos del COVID-19 em la vida humana. *Estudios de Filosofía Práctica e Historia de las Ideas*, Vol. 22, 2020.

NATOLI, S. et al. Does SARS-Cov-2 invade the brain? Translational lessons from animal models. *Eur J Neurol.*, p.10.1111/ene.14277, 22 de maio de 2020.

OMS- Organização Mundial da Saúde. *Rolling updates on coronavirus disease (COVID-19)*. 2020. Disponível em: <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/events-as-theyhappen>. Acesso em 07/04/2020.

ONU Mulheres. *GÊNERO E COVID-19 NA AMÉRICA LATINA E NO CARIBE: DIMENSÕES DE GÊNERO NA RESPOSTA*. 2020, Disponível em: http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2020/03/ONU-MULHERESCOVID19_LAC.pdf. Acesso em: 07/04/2020.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. Em: EDGARDO LANDER (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Argentina: CLACSO, 2005 pp. 117-142.

_____. Colonialidade do Poder e Classificação Social. Em: B. SANTOS & M. MENESES (Orgs.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010. pp. 84-130.

SANSONE, LIVIO. Making “Africa” in Brazil: Old trends and new opportunities. Em: RAMON GROSGOUEL & MARGARITA CERVANTES-RODRÍGUEZ (Orgs.). *The modern/colonial/capitalist world-system in the twentieth century*. Westport: Praeger, 2002, pp. 251-266.

SCAUSO, MARCOS et al. COVID-19, Democracies, and (De)Colonialities. *Democratic Theory* .Volume 7, Issue 2, Winter 2020: 82–93.

SODRÉ, N. *A verdade sobre o ISEB*. Rio de Janeiro: Avenir Editora, 1978.

VIEIRA PINTO, ÁLVARO. *Ideologia e desenvolvimento nacional*. Rio de Janeiro: ISEB, 1956.

_____. *Consciência e realidade nacional*. 2 v. Rio de Janeiro: ISEB, 1960.

_____. *Ciência e existência: problemas filosóficos da pesquisa científica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

_____. *Sete lições sobre educação de adultos*. São Paulo: Cortez, 1982.

_____. *O conceito de tecnologia*. 2 v. São Paulo: Contraponto, 2005.

_____. *A sociologia dos países subdesenvolvidos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

WERNER, MARIA. Famílias e situações de ofensa sexual. Em: OSORIO, LUIZ & VALLE, MARIA (orgs.). *Manual de terapia familiar*. Porto Alegre: Artmed, 2009, pp. 366-375).

